

VOL 3 | ANO 1

JULHO DE 2023

Museu Histórico de Maricá

REVISTA ELETRÔNICA



25 de julho Dia
Internacional da Mulher
Negra Latino-Americana
e Caribenha



ICTIM
INSTITUTO DE CIÊNCIA
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
DE MARICÁ



PREFEITURA DE
MARICÁ



Editorial

Expediente

Santo Domingo, República Dominicana, 25 de julho de 1992, data reconhecida pela ONU, acontece o I Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, projeto da Rede de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, com a proposta de união das mulheres de todo o mundo para reflexão e ação de combate ao racismo.

No Brasil tivemos no Século XVIII, nessa luta a líder quilombola Tereza de Benguela, comemorado no dia 25 de julho, data garantida pela Lei 12.987/2014.

O Museu Histórico de Maricá, no trabalho de registro das ocorrências históricas da cidade, que lhe empresta o nome, dedica a revista deste mês de julho às novas mulheres maricaenses que têm lutado, através dos movimentos sociais, pelo exaurimento de toda a forma de preconceito racial, sexismo, homofobia na cidade.

A população negra do Mundo, do Brasil e de Maricá continua na luta pelo combate as desigualdades e discriminações contra o negro, os povos originários, os LGBTQUIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais).

Foi franqueada a palavra às mulheres pretas da capa, lideranças de Maricá.

E neste sentido o ICTIM surpreende ao colocar a mulher preta em lugar de protagonismo e visibilidade.

DEFINIÇÃO ESTRATÉGICA DO MUSEU HISTÓRICO DE MARICÁ - MHM

MISSÃO

Produzir, sistematizar, preservar e divulgar o conhecimento sobre o Município de Maricá, fomentando reflexão e a conscientização de toda a comunidade, contribuindo assim. Para a transformação e o desenvolvimento da cultura maricaense.

VISÃO

Tornar-se um Museu de Cidade que reflita a complexidade e a diversidade do Município de Maricá e se torne uma referência de memória e história para a comunidade maricaense.

VALORES

Ética e valorização da dignidade e da experiência humana. Diálogo permanente com seus públicos externo e interno. Inovação e entusiasmo com ideias, métodos e ações contemporâneas. Articulação entre pesquisa, preservação, comunicação e formação. Contribuição para a transformação cultural, social e ambiental da cidade.

Jornalista Responsável:

Fátima Moura SRTE32802

Edição:

Fátima Moura

ICTIM - Coordenadora de Comunicação

Jéssica Mattos

SECOM - Secretaria de Comunicação de Maricá

Leandra Costa

Fotografia e Arte

Fátima Moura

Secom Secretaria de Comunicação de Maricá

Jéssica Mattos

Historiador Responsável:

Prof. Cezar Marins Brum

Museóloga Responsável:

Blanca Dian

Administradora Responsável

Norma Josiane

Responsável pela Contrapartida

Milena Costa

Colaboradores do Museu:

Abidias Lacerda

Adailton Silva Jr

Carlos Rogério Nogueira

Daniele Padilha

Daniel Melonio

Valmir Joaquim

Contrapartida

Jorgina Fernandes

Lidiane Bueno

Mariana Marins

Roberto Cassiano

Estagiários do Museu:

Kaio Mendes

Rychard do N.Ferreira

Maria Camiris

Colaboradores da Incubadora Cultural:

Fátima Moura

Jéssica Cardoso

Érica Felipe

Moratti Bianco

Marinete Rodrigues

Lucileia Nascimento

E-mail assessoria de imprensa:

museuhmcomunicacao105@gmail.com

Página do Museu na Prefeitura:

<https://www.marica.rj.gov.br/orgao/museu-historico-de-marica-mhn/>

TEREZA DE BENGUELA

O quilombo comandado por Tereza não era um simples ajuntamento de escravizados fugidos, mas uma comunidade organizada, estável e muito bem estruturada sob o ponto de vista político, militar e econômico. Era o maior da região.

A Lei 12.987/2014 garante, em todo o território brasileiro, o direito à sociedade brasileira de reunião cultural para reflexão sobre o que se fez, faz e fará para o término do preconceito racial em todas as suas formas.



Pesquisando a literatura histórica é possível conhecer Tereza de Benguela registrada como uma líder quilombola que deu visibilidade ao papel da mulher negra na história brasileira.

Liderou por 20 anos a resistência contra o governo escravista e coordenou as atividades econômicas e políticas do Quilombo Quariterê, localizado na fronteira do Mato Grosso com a Bolívia.

Escravismo em Maricá

Sob o título "LIBERDADE A QUALQUER CUSTO: UMA TRAJETÓRIA DOS MOVIMENTOS E MEIOS DE LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS MARICAENSES NOS SÉCULOS XVIII E XIX", o professor Cezar Brum relata em seu livro Contando a história de Maricá, 2ª Edição como era a escravidão na cidade de Maricá.

As trajetórias, meios, formas e diferentes modalidades de escravidão existiam em Maricá. Há registro de comunidades quilombolas, tráfico, revoltas. Havia grupos e movimentos que eram pró ou contra a libertação dos cativos maricaenses nos períodos colonial e imperial.

Alforriados do Rio de Janeiro comunicavam-se com escravos de Maricá. As fazendas dos monges Beneditinos de Campos a Nova Iguaçu incluindo o Mosteiro localizado em S. J. do Imbassaí mantinham escravos, estes, que pertenciam aos monges beneditinos tinham tratamento menos desumanos. Os religiosos faziam vista grossa para os quilombos que existiam próximo às suas propriedades, inclusive negociavam com os negros (pág.34), que possuíam uma Olaria em Nova Iguaçu. Os Quilombolas eram parceiros comerciais dos Monges Beneditinos.

AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE MARICÁ

As cercanias do Rio de Janeiro formadas por florestas e montanhas eram "terrenos férteis" para o refúgio de quilombolas.

Assim Itaboraí, Niterói e o extenso território maricaense ficaram afamados por abrigar Quilombos. Os quilombolas sobreviviam coletando frutos, raízes e abatendo pequenos roedores. A escritora Mary Karasch evidencia que os quilombos mais bem sucedidos baseavam-se em esforços próprios de subsistência e do comércio pacífico para sobreviver.

Na segunda metade do século XVII e início do século XVIII, Maricá se encontrava dentre as principais áreas de formação de comunidades quilombolas, juntamente com outras localidades do Recôncavo da Guanabara. Em 1814, quando Maricá era elevada a Vila, diversas investidas foram realizadas no intuito de extinguir os Quilombos já existentes.

MULHERES PRETAS EMPODERADAS DE MARICÁ

A mulher preta é a homenageada neste mês de luta contra o preconceito, racismo. O Museu de Maricá registra a mulher negra profissional liberal, lideranças empoderadas

Foram convidadas algumas das lideranças dos movimentos sociais de Maricá para estarem na histórica capa da Revista Eletrônica do Museu Histórico de Maricá, neste mês de reflexão mundial.

VALESCA SOUZA, Pedagoga, coordenadora de Igualdade Racial da Secretaria de Direitos Humanos e da Mulher. No dia que homenageamos nossa líder quilombola Tereza de Benguela temos que continuar focadas na luta pela igualdade de direitos e políticas públicas em prol das mulheres negras. Nossa liberdade ainda é tardia mas a força da nossa ancestralidade é a que nos conduzirá à vitória. Por mais mulheres negras no poder. Seremos resistência sempre.

Muitas mulheres pretas ainda se encontram em situações de invisibilidade em Maricá. Em nossa cidade são notórias as políticas públicas que nos beneficiam, mas Maricá ainda precisa avançar muito quando falamos de empoderamento feminino principalmente feminino e negro.

Eu trabalho para que, num futuro bem próximo, mulheres negras possam ser reconhecidas e remuneradas igualitariamente, que estejam em todos os espaços de poder e que possam andar nas ruas com segurança e sem olhares de desconfiança.

TÂMARA ROCHA - Graduada em Rede de Computadores, pós-graduação em Gestão de Políticas Públicas, Coordenadora de Igualdade Racial da Secretaria de Cultura. Dia 25 de julho não é uma data apenas de comemoração, mas sim uma data para lembrar e reafirmar a nossa luta que é diária, constante em busca de igualdade e respeito!

FÁTIMA MOURA - Enquanto mulher negra, Advogada, Jornalista, mestranda em Comunicação, agradeço ao Prof. Cezar Brum, coordenador do Museu Histórico de Maricá, pela concessão do espaço dedicado ao dia 25 de julho, dia de reflexão e trabalho contra a nocividade social que é o racismo, apropriando-me deste local de fala encontrei no livro do professor Cezar Brum material ótimo para pesquisa sobre o racismo em Maricá, os Quilombolas sediados na cidade e adjacências, neste mês de reflexão que a Revista Eletrônica do Museu Histórico de Maricá oferece para apresentação, visibilidade das mulheres do século XXI, jovens lideranças dos diversos movimentos de Maricá, coordenadorias de igualdade racial, é importante, único, talvez definitivo para as mulheres que empunham a bandeira do basta ao racismo em todas as suas formas, nada mais pitoresco que trazer algumas palavras sobre a história e progresso desse povo em Maricá. E o bom de tudo é que Maricá, através do ICTIM e as Incubadoras, valoriza a mulher negra ao lhes convidar para ocupar o espaço de visibilidade e protagonismo.

MULHERES PRETAS EMPODERADAS DE MARICÁ

ADUNI BENTON - Bacharel em Artes Cênicas, dirigente dos movimentos sociais MOVIDADE e FEMNEGRAS, "25 de Julho, é uma data ícone de luta internacional pelos direitos das mulheres negras, é lamentável, que uma cidade progressista como Maricá, não tenha o olhar para o protagonismo e visibilidade da mulher negra, que não está em nenhuma instância de poder. Nós do FEMNEGRAS de Maricá estamos há cinco anos na luta, com campanha de valorização e empoderamento das mulheres negras, através do "Eu voto nas Pretas"; "Prêmio Rosas Negras", e, principalmente o "Fórum Diálogo Ivani Ribeiro da Câmara de vereadores com as Mulheres Negras", o Projeto de "Empreendedoras Rosas Negras". Estamos buscando oportunidades de trabalho renda e inclusão social.

LECI ALBERTI - Coordenadora da Casa dos Conselhos da Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de Maricá, Bacharel em Direito, Professora e Bacharel em Ciências Biológicas, Pós Graduação em Políticas Públicas. 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americanas e Caribenhas, data que relembra o marco internacional de luta e resistência da mulher negra, para reafirmar a necessidade de enfrentar o racismo e o sexismo, vivido até hoje por mulheres que sofrem com a discriminação racial, social e de gênero. Viva Tereza de Benguela!

SANDRA GURGEL - Doutora em Religião, Pedagoga, Diante das relações que se estabelecem ao longo da história, nas práticas sociais, nos aspectos sociais, biológicos psicológicos e religiosos, nós mulheres negras somos submetidas ao não lugar. No entanto quando falamos de Benguela como uma das representatividades positivas feminina, é possível reconstruir este lugar e nossa história de forma social, política, identitária, cultural e religiosa. Precisamos, no entanto, no município de Maricá, um maior reconhecimento e políticas específicas para nós. Salve Benguela, salve todas as mulheres negras que vieram antes de nós. Sandra Gurgel

LUCIENE MOURÃO - Advogada, Presidente da Comissão de Gestão Pública da OABRJ, Presidente do POPE-Pela Ordem Primeiro Elas, Coordenadora do FEMNEGRAS de Maricá. A Cidade de Maricá é um grande exemplo de Políticas Públicas para as minorias, porém ainda precisamos avançar na promoção da igualdade racial com a promoção da igualdade de oportunidades, de tratamento, assim como promover a inclusão (por meio de acesso e permanência diferenciados) dos grupos discriminados racialmente em áreas onde eles são sub-representados em função da discriminação.

MULHERES PRETAS EMPODERADAS DE MARICÁ

SELY CRISTINA - Eu vejo Maricá como uma cidade transformadora acolhedora, porém com poucas oportunidades para as mulheres pretas, é uma das coisas que ainda é um entrave no município de Maricá e o que eu desejo é oportunidades de emprego para as mulheres pretas adolescentes, pretas que saem do ensino médio ou ensino fundamental sem condições de inclusão no mercado de trabalho. Desejo uma Maricá com muita oportunidade para as mulheres pretas em todos os hábitos bons da cidade.

DAIANA REIS - Jornalista, Advogada, mulher preta, lésbica e é uma honra participar dessa comemoração do dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Um marco internacional muito importante para todas nós mulheres negras. Principalmente no Brasil onde a incidência do Racismo é enorme e as mulheres pretas são as que mais sofrem na por essa discriminação. Sobretudo as lésbicas que lutam todos os dias por um espaço em uma sociedade extremamente machista, preconceituosa e homofóbica em sua estrutura. É muito importante falar dessas questões que nos assola, e essencial falar sobre Políticas Públicas que acerca da inserção e visibilidade do público LGBTQIAPN+ e as mulheres pretas que não aguentam mais serem sexualizadas, menosprezadas pela maioria da sociedade e elite branca e heteronormativa.

LUZINEIA BRAGA - Técnica em Enfermagem, Empreendedora, Atriz, Contadora de História, Griot, acredita que a maioria das mulheres Negras em Maricá estão em subempregos. Gostaria de ser atendida por mulheres negras nas secretarias de escolas privadas, nas gerências de bancos, enfim em lugares de liderança não só em movimentos e sim na vida.

CATIA MARIA - A luta da mulher negra latino-americanas e caribenhas ainda é muito importante para darmos seguimento a novas conquistas e amenizarmos a dor no futuro das novas gerações, assim como foi feito pelos nossos antepassados. Lugares de poder ainda e invisível para uma mulher preta, o racismo gritante nos acomete e nos abate todos os dias.

SUZANA OLIVEIRA PARAÍ - Sou umas das jovens lideranças da “Aldeia Mata Verde Bonita”. Viemos para Maricá em 2013 na época, como Política Pública de moradia, o ex-Prefeito doou uma área na Restinga para nossa fixação. A Luta dos povos indígenas Guarani Mbya ocorre há 1500 anos.

IGUALDADE, SOCIEDADE SEM PRECONCEITO, SEM RACISMO



"Oi, tudo bem?"

Eu sou a **INGRID ROCHA**, estou aqui para falar sobre o "racismo estrutural", que é quando nós negros somos privados de fazer qualquer coisa que a sociedade acha que a gente não pode fazer, a gente é privado de fazer isto, sendo que todo mundo é igual, nós negros somos iguais a todo mundo e temos direito a fazer tudo o que eles fazem também.

Por exemplo na faculdade nós temos direito de ser professores, advogados, tudo que é profissão a gente tem o direito a fazer.

É um racismo que está enraizado na sociedade, onde eles acham que nós negros não podemos fazer porque eles têm a possibilidade de fazer.

Então é isto, não façam isto, todo mundo é igual!
um beijão!"

Observando que...

A adolescente Ingrid Rocha manda, no seu entendimento, um recado para auxiliar no combate ao racismo estrutural.

Em pesquisa a literatura, que debate o racismo, "o Brasil carrega uma história de 300 anos de escravidão. Dentre os países da América, o nosso foi o último a abolir a escravidão negra formalmente, em 1888. Depois de mais de um século, ficou enraizado no inconsciente coletivo da sociedade brasileira um pensamento que marginaliza as pessoas negras, as impede de se constituírem como cidadãs plenas.

Esse impedimento está expresso em números: pretos e pardos representam 56% da população. Mesmo assim, são minoria nos espaços de decisão: ocupam pouco mais de 29% dos cargos de gerência nas empresas brasileiras. Entre os mais pobres, os negros são muitos: dentre os 10% dos brasileiros com menor renda familiar mensal, 75% são negros. Entre os que morrem, eles são maioria: uma pessoa negra tem 2,7 vezes mais chances de ser vítima de

homicídio que uma pessoa branca." (https://brasildedireitos.org.br/atualidades/o-que-racismo-estrutural?%2Fnoticias%2F488-o-que-racismo-estrutural=&utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=racismoestrutural&gclid=EAlalQobChMI3O2My-H3_wIVSTrUAR3Hbg9_EAAYAiAAEgJOKPD_BwE)



INCUBADORA DE
INOVAÇÃO SOCIAL
EM TECNOLOGIAS



PAGINA 08

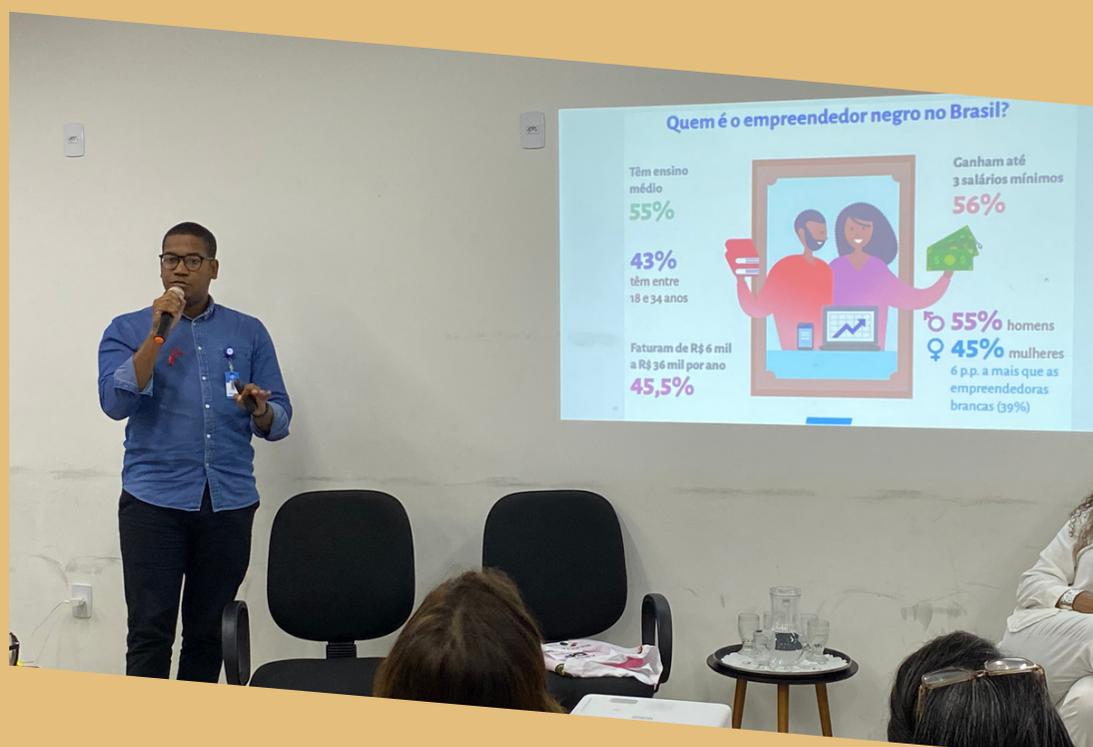
INCUBADORA DE INOVAÇÃO SOCIAL EM TECNOLOGIAS PROMOVE DEBATE "VITRINE EMPRESARIAL"

Encontro tratou sobre empreendedorismo e diversidade

Com o tema Vitrine Empresarial, a Incubadora de Inovação Social em Tecnologias, projeto desenvolvido pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá (ICTIM), promoveu um debate sobre empreendedorismo e diversidade, em junho deste ano.



A Incubadora de Tecnologias, localizada em Itaipuaçu, recebeu representantes dos movimentos negros do município. O espaço contou, ainda, com uma feira de empreendedores locais: Kitutes da Vó Bitute, Ateliê Xanda Artes, Fayola Moda Afro, a maquiadora Francine Delfino, Vanessa Andrade com Literatura e Contação de Histórias, Suzi Clementino, Manuana Orgânica, Mainoií e Suco do Carlão.



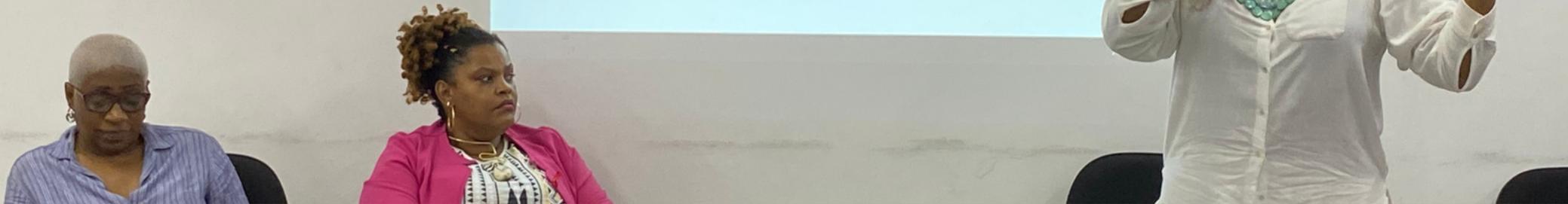
DO REGISTRO DA MARCA

O nome do seu negócio

Qual é a importância de escolher um nome para o seu negócio?

Em primeiro lugar, essa etapa é válida para você, pois você é cliente de si mesmo. Em tempos de escassez monetária, o nome do seu negócio é um ativo, um bem, uma riqueza sua e, como tal, exige manutenção e investimento.

Não se trata do investimento do registro de marca, que também é muito importante, mas do maior e mais original investimento que se pode fazer: a sua personalidade.



PÁGINA 09

Suzi Clementino, Dra. Sandra Gurgel e a Advogada Luciene Mourão

Os convidados deram as boas-vindas e abriram o encontro. Estiveram presentes o diretor de Tecnologia do ICTIM, Marcio Campos, a coordenadora de Igualdade Racial da Secretaria de Direitos Humanos, Valesca Souza, a gerente-geral da Incubadora de Inovação Social Mumbuca Futuro, Rayanne de Medeiros, e a representante do Sebrae Leste Fluminense, Juliana Ventura.

A advogada Luciene Mourão, Presidente da Comissão de Gestão Pública da OABRJ; a doutora em Ciências da Religião, Sandra Aparecida Gurgel Vergne, a empresária Suzi Clementino e o gestor de Projetos do Sebrae, Guilherme Allan Santos, conduziram as palestras principais, falando sobre suas trajetórias, empreendedorismo e afroempreendedorismo.

Estiveram presentes também representantes dos movimentos negros: Pela Ordem Primeiro Elas (POP); Coordenação Nacional de Entidades Negras (CONEN/Maricá); Movimento Negro Unificado (MNU); Movimento de Igualdade e Equidade (MOVIDADE); LUZ NEGRA; AFROENCANTAMENTO; União de Negros e Negras (UNEGRO); e a Associação das Mulheres Girassóis de Pindobal (AMGIP).

O encontro fechou com chave de ouro pelo canto de Carolina Potiguara e o almoço saudável servido pelo Empório I Piatti, parceiro do Bem-viver Alimentar.

As palestras trataram sobre afroempreendedorismo, sua história, a construção e valorização da identidade. Os convidados compartilharam suas experiências e insights para impulsionar a igualdade e o empoderamento.

PEÇAS QUE CONTAM A HISTÓRIA DE MARICÁ



As peças do Museu Histórico de Maricá contam um pouco da História da nossa cidade. São muitos comodatários e doadores que disponibilizaram ao Museu objetos, documentos e fotos guardadas por suas famílias por décadas.

Esse acervo guarda um pouco da nossa identidade, deve ser valorizado por todos nós de Maricá, devemos cuidar de forma que futuras gerações possam ter acesso à riqueza cultural que o Museu Histórico de Maricá proporciona.

Eu enquanto responsável pelo acervo do meu pai, o ex-prefeito Odenir Costa, participei da organização da exposição que contou um pouco da História de Maricá através da história dele.



Milena Costa

Responsável pela Contrapartida
no MHM

Produção



Apoio

